

Do lixo ao lucro: como a economia circular transforma resíduos em recursos

Com materiais como roupas, plástico e óleo de cozinha, iniciativas estão movimentando a Capital e apresentando um novo uso para aquilo que seria jogado no lixo



Ana Caroline Arjonas
redacao@ndmais.com.br

Uma placa e um lembrete: ‘deixe aqui o que você não quer mais’. Foi assim que surgiu a iniciativa que promove o compartilhamento de roupas usadas em Florianópolis. Chamada de Armário Coletivo, a ação, que começou com a indecisão do que fazer após o desapego de um tênis usado, há nove anos apresenta outro olhar para a moda, compreendendo que a substituição no guarda-roupa deve ser feita de forma consciente.

Com mais de um milhão e duzentas mil peças trocadas, os itens que ganham um novo significado em outro lar são deixados em prateleiras dispostas no Córrego Grande, Canto da Lagoa, Vargem Pequena, Costa de Dentro e na UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina). “Conseguimos estender a vida útil fazendo com que as pessoas consumam menos roupas novas e reutilizem peças que já estão à margem”, comenta a consultora de novas economias e práticas sustentáveis Carina Zegonel, que idealizou outra frente do movimento, focada em receber peças que saíram de circulação em lojas e que apresentam algum defeito — é no ateliê que os itens são consertados e colocados à venda, além de produtos que são criados com retalhos e sobras.

Entretanto, não é apenas o vestuário que é modificado. O plástico também pode ser alterado, sendo a base para criação de brincos, colares e brindes totalmente reciclados, como no caso daquilo que é produzido pela Duna.lab. O negócio surgiu em 2018 por conta da preocupação com os elementos descartados de forma irregular, já que a produção da matéria plástica é uma das mais preocupantes quando o assunto é sustentabilidade — números do Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil, publicado em 2022, mostram que a geração nos municípios foi de 13,7 milhões de toneladas naquele ano.

“Acreditamos que os produtos são como ‘amuletos’ da transformação. Sabemos

que não é reciclando uma quantidade que estaremos contribuindo em grande escala, mas saber que o produto desperta a consciência para o problema da poluição já tem muito valor”, explica a empreendedora Patrícia Deporte de Andrade, formada em design de produto, que sabe a relevância da estética na hora da compra. Com quase 15 mil artigos comercializados, o insumo é de cooperativas de reciclagem, e antes das prateleiras é feito o processo de separação, trituração, higienização e produção.

Assim como a indústria têxtil e de plástico, a atenção com o fim dado ao óleo de cozinha foi o ponto de partida para outro projeto, responsável por arrecadar mais de cinco milhões de litros, impactando mais de 76 mil pessoas — feitos do ReÓleo, iniciativa da Associação Empresarial de Florianópolis (ACIF).

Incentivado pela preocupação com o descarte em mares e lagoas, desde 1998 o foco é a coleta e transformação do líquido, utilizado na fabricação de biodiesel e em itens de limpeza — o intuito é amenizar o uso de fontes finitas. “Preservar os recursos hídricos, os ecossistemas, reduzir a quantidade de gordura no sistema de coleta e tratamento de esgoto, melhorando a eficiência”, diz o embaixador do programa, Luiz Antônio Falcão de Moura.

O que esses projetos têm em comum? O destino que é dado para aquilo que é visto como lixo, ponto apresentado pela economia circular, teoria que tem como foco a fabricação e durabilidade dos materiais. “É um modelo econômico inovador, que busca redefinir o conceito de ‘fim de vida’. Ao contrário do modelo linear (extrair, produzir, descartar), visa manter o valor dos produtos pelo maior tempo possível. Isso é alcançado por meio de práticas como reutilização, reparo, remanufatura e reciclagem, formando um ciclo contínuo de uso e reuso”, explica o professor da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e líder do grupo de pesquisa em economia circular e tecnologia financeira com inteligência artificial, Pedro Paulo Andrade Junior.



Sustentabilidade vira fonte de renda

O que pode ser um novo modelo de negócios parte da ideia de que o cuidado com o meio ambiente e a utilização de matéria-prima deve ser avaliado ainda no design da mercadoria, e não apenas quando o artigo é eliminado. “O produto tem que ser projetado de forma que todos os componentes possam ser trocados, caso algum apresente problema, e que esse aparelho possa ser totalmente desmontado, com componentes separados e destinados à reciclagem”, pontua

Integração entre município, estado e país é essencial

Entre as medidas que buscam popularizar o modelo de fabricação e comercialização, o governo federal publicou decreto que institui a ENEC (Estratégia Nacional de Economia Circular). O foco é deixar para trás o mecanismo pautado na extração, produção e descarte, priorizando a elaboração de mercadorias duradouras e recicláveis.

No Estado, o projeto “Penso, logo destino”, do Instituto do Meio Ambiente de Santa Catarina, atua em três áreas: logística reversa, coleta seletiva e resíduos orgânicos, fazendo a ligação entre aquilo que é recolhido e empresas que atuam em cada área, responsável por organizar a remoção correta.

Na Grande Florianópolis, a coleta de vidro é uma iniciativa de economia circular apontada por Wilson Cancion Lopes.

“Os municípios têm a coleta e logística reversa feita de modo que, acredito, não haver em outra região do Brasil”, menciona o especialista, salientando que os 22 municípios da área. Na Capital, o objetivo é ser uma cidade “Lixo Zero” até 2030, deixando de lado os aterros sanitários e optando pela coleta seletiva.

Todavia, para que a economia circular possa ser colocada em prática de forma integral, é importante idealizar um sistema compartilhado. “Falta maior integração técnica e política entre os municípios na busca de soluções, de forma que se instale na região um polo de reciclagem, para que tudo aquilo que coletamos e que o consumidor descarte seja desmontado aqui e os componentes encaminhados para empresas da região”, diz o gestor da Granfpolis.

Inteligência artificial é aliada da economia circular

A tecnologia pode ser um mecanismo relevante na mudança de estrutura e identificação de novos modelos de gestão. Isso porque as soluções da inteligência artificial podem facilitar a compreensão dos números. “Ferramentas poderosas para analisar volumes de dados, prever tendências e otimizar processos, o que é essencial para a implementação eficaz da economia circular”, alega o professor Pedro Paulo Andrade Junior.

Com a linha de pesquisa na UFSC, que avalia desde o design dos materiais até decisões financeiras, a economia pode ser mais resiliente, sustentável e eficiente por conta da junção. “Ao integrar tecnologias avançadas com práticas circulares, podemos não apenas otimizar a utilização de recursos e minimizar o desperdício, mas também impulsionar a inovação e criar novos modelos de negócios que promovam a sustentabilidade. O enfoque integrado tem o potencial de transformar radicalmente a forma como concebemos e operamos as economias, promovendo uma transição para sistemas mais equilibrados e regenerativos”, finaliza o educador.



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM/ND

Carina Zagonel, fundadora do Armário Coletivo, mostra uma das unidades em que se trocam peças

o gestor ambiental da Granfpolis (Consórcio Intermunicipal da Grande Florianópolis), Wilson Cancion Lopes.

A forma de avaliar a economia, seja das empresas ou dos consumidores, vai além de repensar a relação de compra e venda, atendendo um pedido antigo: o cuidado com a preservação. Isso porque a produção de resíduo sólido domiciliar pode crescer 80% até 2050, ultrapassando a marca de três bilhões de toneladas ao ano, de acordo com o relatório Global Waste Management Outlook 2024. “Qualquer tipo de economia na extração de recursos naturais, seja qual for, já é um grande ganho. E depois, no descarte, podemos evitar a questão da contaminação de solo, água e a necessidade de mais aterros sanitários”, elenca Wilson.

Brinde feito de plástico reciclado pela empresa manezinha Duna.lab



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM/ND